

# É preciso mudar, alerta professor

O professor Roberto Ribeiro da Silva alerta que o ensino de Ciências — Física, Química, Matemática e Biologia — precisa mudar. “Hoje, uma coisa que não dá para se admitir é o analfabeto científico, porque a tecnologia moderna e de ponta está cada dia mais disponível ao cidadão comum”, adverte mostrando que muita gente compra forno de microondas, aparelhos de som sofisticados, disco a laser.

“A pessoa que não tem o mínimo de informações científicas será difícil sobreviver nessa sociedade e conseguir emprego”, complementa. Na sua opinião, o ensino de Ciências deve enfatizar o que se chama de “ciência para a cidadania”, ou seja, o aluno passa pela escola e sai como um cidadão autônomo e capaz de decifrar algum tipo de informação.

O professor Roberto Ribeiro não acredita que o ensino mudará a curto prazo, mesmo com a reforma do currículo de 2º grau proposta pelo Ministério da Educação. “Você trabalha com a cabeça das pessoas, com as concepções e valores e essas coisas não se mudam de uma hora para outra”, afirma. Ele acha, inclusive, que se triplicar agora o salário dos professores eles vão continuar dando aulas amanhã e no próximo ano do mesmo jeito.

Segundo o professor, a melhoria salarial só vai trazer mudança no ensino em dez anos, quando o magistério começar a atrair profissionais.

“Hoje não existe, por exemplo, profissionais disponíveis para ensinar Química porque os jovens não têm interesse de escolher esse curso na universidade”, mostra. Ribeiro aponta como hipótese provável para esse fato a forma como a disciplina é dada no ensino médio. “Afasta os jovens e eles não têm interesse de estudar Química”, resume.

Como prova disso, o professor aponta o exemplo do Distrito Federal onde o mercado é favorável ao professor de Química mas não há profissionais disponíveis. Para tentar solucionar o problema, a UnB criou em 1993 um curso de licenciatura em Química, no período noturno. A primeira turma formou-se ano passado e todos já estão trabalhando nas escolas públicas e privadas. “A metade dos nossos alunos está empregada”, diz, mostrando o problema da carência de professores nessas áreas.